

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Biociências

Graduação em Ciências Biológicas

Samuel Pertile

Geração Z: além dos novos professores

Porto Alegre, 2015

Samuel Pertile

Geração Z: além dos novos professores

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Russel Teresinha Dutra da Rosa

Porto Alegre, 2015

Samuel Pertile

Geração Z: além dos novos professores

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado ao Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Russel Teresinha Dutra da Rosa

Porto Alegre, ____ de junho de 2015

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Geração Z: além dos novos professores”, elaborado por Samuel Pertile como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciência Biológicas.

Comissão examinadora

Prof. Dr. Marcelo Magalhães Foohs – UFRGS

Prof.^a Dr.^a. Rosângela de Fátima Soares – UFRGS

Prof.^a. Dr.^a. Russel Teresinha Dutra da Rosa – UFRGS – Orientadora

AGRADECIMENTOS

À minha namorada Jéssica, pelo apoio e ajuda oferecida em todos os momentos da faculdade e por sua contribuição para a realização do presente trabalho.

À Russel Teresinha Dutra da Rosa, minha professora e orientadora, por todo o aprendizado proporcionado.

Aos bolsistas do projeto PICMEL, que estiveram presentes e contribuíram para que este trabalho fosse realizado.

À direção do colégio, que forneceu a estrutura necessária para a pesquisa.

À minha família, pelo apoio oferecido durante todo o período de universidade.

Ao meus amigos, que estiveram presentes em todos os momentos deste curso, tornando-o mais agradável e divertido mesmo nos momentos mais difíceis.

RESUMO

Por muito tempo, foram utilizadas como forma de classificação social as variantes idade, sexo e classe social, porém recentemente nota-se um crescente hábito de nomear e classificar os grupos sociais por gerações de épocas específicas. Essas gerações não podem simplesmente ser classificadas temporalmente, pois datas são influenciadas por diversos fatores, como a condição socioeconômica. Em uma sala de aula ocorre o contato entre diferentes gerações, e cabe ao professor saber lidar com as expectativas de seus alunos. Na história dos humanos, as diferentes formas de comunicação foram importantes para o nosso desenvolvimento como seres sociais. Não obstante os novos meios de comunicação virtuais cumpram os seus papéis de socializar e comunicar, podemos perder o contato face a face diminuindo interações sociais que são fundamentais em nosso dia a dia. A fim de caracterizar os jovens estudantes do ensino médio noturno de uma escola da rede pública estadual do município de Porto Alegre, a partir dos atributos geracionais, foi realizado um estudo exploratório a partir de uma amostra de conveniência.

A presente pesquisa foi desenvolvida utilizando-se o método de entrevista do tipo grupo focal, com cinco estudantes do ensino médio noturno de um colégio da rede estadual de Porto Alegre. Os participantes são bolsistas de um projeto de iniciação científica júnior e, a partir de informações coletadas por eles a respeito dos colegas do Ensino Médio Politécnico noturno da Escola, observa-se a utilização por esse público de meios virtuais com o objetivo principal de facilitar a comunicação. Em entrevista com os bolsistas de iniciação científica júnior foi possível observar que os estudantes quase nunca utilizam a internet como um meio de busca de informação, com exceção de quando requisitados pelos professores, o que demonstra a importância de relacionar a pesquisa na internet com o ensino, auxiliando os alunos na obtenção de conhecimentos práticos para a vida. Também foi observado que a internet não está somente relacionada ao acesso a redes sociais e a espaços de bate-papo, mas também ligada à exploração da sexualidade por meio da pornografia digital. Na web, a pornografia está disponível com uma diversa gama de conteúdos, incluindo práticas violentas e humilhantes que submetem mulheres, crianças e homossexuais a situações de dominação. A exposição dos jovens a esses conteúdos pode afetá-los em um período de constituição de identidade de gênero e de concepções acerca da sexualidade. Desta forma, devemos, como professores, unir a tecnologia com a educação sexual, fornecendo ferramentas que levem os estudantes a buscar informações seguras e a desenvolver uma visão crítica dos conteúdos disponíveis, fortalecendo sua autonomia, o respeito pelos demais e a atuar como multiplicadores de conhecimentos.

Palavras-chave: Educação; Geração Z; Tecnologia; Internet; Sexualidade; Pornografia.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

% - Percentual

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEP - Código de Endereçamento Postal

CSB - Comportamento sexual compulsivo

DSTs - Doenças Sexualmente Transmissíveis

FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul

ICJ - Iniciação científica júnior

PICMEL - Programa de Iniciação em Ciências, Matemática, Engenharias, Tecnologias Criativas e Letras

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

TV - Televisão

SUMÁRIO

1 JUSTIFICATIVA.....	8
2 OBJETIVOS.....	9
2.1 OBJETIVO GERAL.....	9
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	9
3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	10
5 RESULTADOS.....	20
6 DISCUSSÃO.....	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	34
ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO PELOS ALUNOS DO PROJETO PICMEL.....	35
ANEXO B – IMAGENS DE BRINQUEDOS.....	36
ANEXO C - IMAGENS DE CRIANÇAS COM SEUS BRINQUEDOS	37
ANEXO D - IMAGENS DE CRIANÇAS COM SEUS BRINQUEDOS	38
ANEXO E – DIFERENTES FORMAS DE ACESSO À PORNOGRAFIA.....	39
ANEXO F – POSSÍVEIS MEIOS DE PROCURA DE CONTEÚDO SEXUAL.....	40
ANEXO G - SITES PORNOGRÁFICOS.....	41

1 JUSTIFICATIVA

As gerações precedentes não tiveram a disponibilidade de diversos conteúdos sejam eles de informação ou sejam eles de temas pornográficos, como o observado para a atual geração que está em processo de formação de identidade. Uma vasta gama de conteúdos estão à disposição de poucos “cliques”, até mesmo na palma da mão, mas será que esses jovens já possuem discernimento para selecionar os temas que mais interessam ou então sabem procurar uma fonte segura que possa esclarecer suas dúvidas e aprimorar conhecimentos? Cabe a nós professores orientar esse processo, pois as tecnologias e a internet estão a disposição dos estudantes, com uma crescente popularização de sua utilização. Desta forma, conhecer as principais demandas levantadas pelos estudantes, bem como entender a forma que utilizam os atuais meios de comunicação é fundamental para a formação de professores que deverão afrontar essas temáticas diariamente em suas rotinas de trabalho.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

A partir de um grupo focal, realizar entrevistas fazendo os estudantes de iniciação científica júnior refletir sobre a pesquisa realizada por eles acerca do perfil dos estudantes e compreender como eles veem os colegas do Ensino Médio noturno em relação às vivências da infância a fim de caracterizar a sua geração. A partir do interesse dos alunos pelo tema da sexualidade, relacionar suas concepções acerca desse assunto a partir da forma como utilizam a internet.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Compreender como as gerações de uma mesma época podem ser diferentes devido a fatores socioeconômicos;
- b) Aproximar o tema da sexualidade com a utilização da tecnologia;
- c) Perceber qual é a finalidade da utilização da internet;
- d) Questionar sobre a utilização da internet em relação à exploração da sexualidade, observando se é acessada para obtenção de informação ou se o interesse limita-se à pornografia.

3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

É normal escutarmos ditados populares como “os tempos mudaram” ou então “os jovens de hoje não são como os de uma vez”, esses não são ditos à toa, fazem parte de um processo de aprendizado cultural que é passado entre gerações. Podemos afirmar que os jovens realmente mudaram, pois a cultura, assim como a língua portuguesa é “viva” e está em constante transformação devido a mudanças no meio, como a revolução tecnológica, a qual levou ao aumento da velocidade da circulação de informação. Como consequência os jovens desenvolveram a característica de fazer tudo ao mesmo tempo, como estudar, ouvir música e estarem conectados à internet. Essa geração de Nativos Digitais nasceu em tempos em que a internet já fazia parte deste mundo, sendo assim, para eles a vida sem computador, chats, redes de relacionamento, *ipods* ou telefones celulares seria “inimaginável” (SOUSA, 2010).

Por muito tempo, foram utilizadas como forma de classificação social as variantes idade, sexo e classe social, porém recentemente nota-se um crescente hábito de nomear e classificar os grupos sociais por gerações de épocas específicas. Muitos autores classificam as diversas gerações enquadrando-as em um período de tempo; não obstante as datas possam ser significativas e nos ajudem a compreender uma sequência cronológica, essas não podem ser seguidas como uma lei, já que não há um consenso sobre os anos limítrofes de cada geração. Além disso, cada geração inclui pessoas com diferentes condições sociais e culturais, o que pode levar a uma sobreposição entre diversas gerações, principalmente quando tratamos dos limites cronológicos (geração antecedente ou procedente) entre uma geração e outra.

Seguindo uma sequência cronológica, as gerações são denominadas como *Belle Époque* (Geração Tradicional, que vai de 1920 a 1945), *Baby Boomer* (1943 a 1964), Geração X (sinônimo de Geração *Baby Bust* ou Geração TV, datada de 1960 a 1985), Geração Y (conhecida como *Millennials*, Geração Internet ou Geração Digital, (com limites de 1977 a 1999) e Geração Z ou Geração *Next* (de 1993 até os dias atuais) (AGUIAR, 2012). Todavia, podemos observar pessoas “da geração Y” que se enquadram na Z, o que é possível porque as gerações são melhor delimitadas pelo contexto, comportamento e características das pessoas. A utilização de datas é apenas uma forma didática como aquela em que se observa em uma linha de tempo geológico. Além da utilização de datas, as gerações são marcadas por acontecimentos políticos, socioeconômicos e culturais de determinados períodos e também pela presença de determinados atributos.

Devido às características dos jovens da geração Z, até mesmo empresas devem adaptar-se a sua forma de pensar e agir, para tentar evitar a frequente troca dos trabalhadores, o que acontece

devido ao fato dessa geração não se apegar aos seus empregos (BOLDRINI; LUCENA, 2014). Encontram-se muitos artigos relacionados às mudanças na administração e no marketing, tentando aumentar o impacto sobre a geração Z; essa geração formada por Nativos Digitais também está presente nas escolas e universidades, o que sugere que adequações devem ser feitas também nessas instituições de ensino, pois seria mais difícil e injusto tentar mudar uma turma com cerca de 30 alunos, da geração Z, do que apenas um professor, de geração precedente. O pertencimento do docente a uma outra geração pode causar conflitos intelectuais, devido a diferentes formas de comportamento e compreensão de problemas. A ideia de que os alunos devem estar presentes de forma passiva, tendo os professores como fonte de transmissão de conhecimento, com suas palavras e o quadro negro diante de uma turma concentrada e em silêncio, não pertence mais a essa nova geração. A letra “Z”, que a designa tem origem em um verbo novo: “zapear”, que significa trocar os canais da TV de maneira rápida e constante com um controle remoto, em busca de algo que seja interessante de ver ou ouvir, ou ainda por simples hábito de mudança, insatisfação, dificuldade de concentração e ansiedade, características essas que também são observadas em atitudes profissionais e pessoais. A palavra “Zap”, do inglês, significa “fazer algo muito rapidamente”, o que reflete na forma como essa geração vive a vida (TOLEDO; MAGALHÃES; ALBUQUERQUE, 2012).

As experiências vividas pelo professor quando aluno são refletidas na sua vida profissional, portanto esse tende a dar uma aula similar àquelas de seus “bons” professores. Os professores tendem a estar no “comando da aula” sendo a voz que ocupa a sala de aula; já os estudantes podem se sentir em uma zona de conforto, atuando como ouvintes, em geral com expectativas de que o professor fale, dê aula, assim pode-se apenas escutar e interferir quando necessário. Juntando esses comportamentos temos uma tendência para que as aulas sejam expositivas (CUNHA, 2008).

Quando pensamos no pai da Biologia nos lembramos de Charles Darwin (1809–82). Ele nasceu muito longe das atuais formas de comunicação e de circulação de informação, quando ainda se utilizavam cartas para trocar ideias e resultados de pesquisas. Como ele era importante e influente, calcula-se que durante sua vida tenha enviado pelo menos 7.591 cartas e recebido 6.530, ou seja, se pensarmos nos últimos 30 anos de sua vida, teria escrito 0,59 cartas por dia (OLIVEIRA; BARABÁSI, 2005). Os padrões de comunicação mudaram, em razão do aumento da velocidade com que a informação é transmitida, respostas podem ser quase imediatas! Essas mudanças interferiram na forma como pensamos e nos comunicamos. Estima-se que hoje recebemos uma quantidade maior de e-mails do que Darwin recebeu de cartas e devido a esse grande fluxo de e-mails e informações, textos longos que contenham pouca informação poderiam ser deixados de

lado, mesmo quando pensamos em uma geração mais antiga. Desta forma, quando nos deparamos com uma geração que nasceu em período de grande velocidade e quantidade de informação como a geração Z, nos deparamos com uma população que com poucos cliques obtém a informação resumida, mesmo que fragmentada, porém com uma característica que é desejada: a capacidade de comunicar através da tela de um *smartphone* ou de um *tablet* em poucos segundos. Assim, pode-se pensar que para esses indivíduos menos é mais, mesmo quando tratamos de conhecimentos.

No ano de 2014 tive a oportunidade de conviver com pessoas de diferentes países e com as mais diversas culturas, no entanto, percebi algo em comum entre elas, o uso excessivo de *smartphones*. Fiquei impressionado com um jovem casal de chineses que morava na mesma residência que eu, pois eles sempre utilizavam os seus *smartphones* durante as refeições e assim comiam e riam, quase sem trocar palavras, apenas faziam algum comentário quando mostravam algo divertido que tinham encontrado; esse estilo de vida não se limitava somente a um jantar a dois, o mesmo se repetia em jantares com amigos, a única diferença era que ao invés de dois chineses, havia vários indivíduos com seus aparelhos tecnológicos. O meu ponto de vista simplesmente foi de que era uma cultura diferente, portanto não questionei nem julguei, mesmo sendo muito estranho para mim que eles se mandassem mensagens para chamar o parceiro para comer na cozinha, sendo que estavam a poucos metros de distância. Os dispositivos móveis possuem características positivas e negativas, dependendo de como e quanto são utilizados; esses aparelhos podem ser considerados culpados do estresse contemporâneo, mas também podem ser utilizados para uma melhoria na qualidade de vida, por meio de programas e aplicativos voltados para o bem-estar, que pode ser tanto individual (dietas e exercícios físicos) quanto coletivo (nos quais comentários de outros usuários podem ajudar em avaliações sobre diversos temas como por exemplo as condições de habitação nos bairros de uma cidade) (OIKAWA, 2013).

Devido à grande utilização de informação móvel e à redução da informação em lugares fixos (como um jornal físico ou mural), o fluxo com que as informações são transmitidas é acelerado, o que pode afetar nossas vidas alterando nossos processos cognitivos, afetivos, a maneira de viver e a noção de tempo e espaço (SANTAELLA, 2007).

Esse ano, no aniversário da minha mãe, para meu espanto, constatei uma situação muito parecida a qual me deparei com os chineses, porém essa era um pouco menos aguda, pois era uma festa informal, na qual não estávamos sentados ao redor de uma mesa. Os encontros familiares sempre foram momentos de “por a fofoca em dia”, de conversar e de confraternizar e de fato foi isso que observei, mas com um porém, quase todas as “conversas” giravam em torno de temas visualizados, no momento, na internet, facilmente acessada através de *smartphones*. E não estou

falando somente dos meus primos que em sua maioria são mais jovens do que eu, estou me referindo a pessoas mais velhas, os meus tios, que mostram características da geração Z, aparentando estarem em um processo de juvenilização, indicando assim que as vivências nos influenciam mais do que a nossa idade, o que causa dificuldades quando buscamos enquadrar um grupo em uma determinada geração. As redes sociais na internet permitem uma transformação do papel ou mesmo do lugar do narrador, elas “dão voz ao povo”, movimentando milhões de pessoas, na maioria, pelo uso de dispositivos móveis (CUNHA, 2012). Entre as diversas opções oferecidas pela internet, uma que ganha destaque são os canais de vídeos, como *Youtube*, que possui conteúdos diversos, e teve impulso a partir de cenas cotidianas, com pequenos filmes que flagravam uma ação qualquer, no dia a dia de alguém, sendo esse um grande atrativo ao público (TIETZMANN; ROSSINI, 2012).

Ao ter contato com adolescentes no estágio em uma escola, e até mesmo com amigos, me deparei com a situação desconfortável de estar conversando com alguém e essa pessoa embora estivesse “falando” comigo, também estava se comunicando com outra pessoa, através de mensagens *WhatsApp*. Entre amigos não me sinto a vontade em pedir para não utilizarem celular enquanto conversamos, porém, como nas escolas existem regras sobre não utilizar celular durante as aulas, é obrigação do professor segui-las mesmo que essas não impeçam a utilização pelos alunos de forma escondida, enquanto os professores lecionam, o que foi possível notar durante as observações feitas em sala de aula, antes de iniciar o processo de docência no estágio. Por mais que se tente inibir a utilização de aparelhos portáteis em sala de aula, os alunos sempre conseguem utilizar de modo que o professor não veja. Portanto, para que uma aula tenha sucesso não basta que o professor domine o conteúdo que deve ensinar, as técnicas e procedimentos tecnológicos visando adequar-se a competências e práticas exigidas por novas metodologias de ensino, os professores devem ir além (TOLEDO; MAGALHÃES; ALBUQUERQUE, 2012).

Com diversas mudanças ocorridas na história do nosso desenvolvimento tecnológico, mais recentemente, devido ao fato da grande quantidade de arquivamento de papéis, que ocupavam muito espaço físico e eram facilmente extraviados, aumentando a burocracia, quando deviam ser recuperados para uma consulta ou então pra serem expedidos para outro local, tivemos uma revolução com o surgimento do computador, essa foi dada como salvação para toda aquela papelada, pois acelerava diversas operações que necessitariam de muito tempo, tornando assim atividades corriqueiras menos laboriosas (BAPTISTA, 2011), influenciando a produção de escrita e nosso dia a dia.

Em diferentes épocas a humanidade passou por diversas mudanças relacionadas à forma de

produção de escrita, e mudanças muitas vezes são dolorosas para alguém; por exemplo o caso dos monges copistas medievais e do início da modernidade que foram desvalorizados com o advento da impressão. O cenário atual é de uma tendência à substituição do impresso pelo eletrônico, em grande parte pela facilidade de acesso e pelo barateamento dos produtos (BAPTISTA, 2011). A digitalização pode até substituir os livros, mas talvez não ofereça o sentido completo e a significância presente no modelo físico, ou então toda a emoção e o contato íntimo entre remetente e destinatário que pode ser passado em uma carta manuscrita, com presença de sentimentos como marcas de lágrimas e perfume. Uma alternativa para que não se tenha a desvalorização de alguma das partes é a adição da digitalização sendo utilizada em concomitância com a impressão, podendo assim o autor direcionar os assuntos que gostaria de aprofundar, a partir de uma leitura vertical com a utilização de hiperlinks (DARNTON, 2001). Eco (1996) em uma conferência diz que as novidades não vem para acabar com as formas mais antigas de registro escrito, mas sim para modificá-las. Como os livros sofrem um processo de deterioração, livros muito antigos acabam sendo guardados como relíquias em bibliotecas, o que limita o acesso a esses, privilegiando poucas pessoas que possam ter o conhecimento desse material; eis aqui um exemplo de coexistência de um livro físico com a sua versão digitalizada, o que o torna disponível para todo o público (FERRARI, 2010).

Muitas civilizações antigas se ergueram com o suporte de uma biblioteca e a sua destruição está associada à queda desses povos. As bibliotecas foram em muitos casos destruídas por guerras ou então golpes de Estado; suas histórias mostram como elas são vulneráveis (DARNTON, 2001). Hoje, devido ao barateamento e às facilidades, a leitura passa a ser mais acessível não sendo confinada aos conventos e às bibliotecas (CHARTIER, 1997). Na história da humanidade, as formas de escrita sofreram mudanças ao longo do tempo, sendo que as práticas de escrita e leitura são correlacionadas entre si; resumidamente, passamos de diferentes formas de escrita como a do sistema cuneiforme; a do sistema hieroglífico no Egito antigo, que com a troca da escrita hieroglífica na pedra, para a utilização do papiro, possibilitou que a escrita se tornasse mais cursiva e, com a mudança do espaço de escrita, para um rolo de papiro ou de pergaminho, disponibilizou uma nova forma de escrita, na qual os conteúdos podiam ter uma escrita contínua (longa) e podiam também ser transportados com maior facilidade. Mais tarde, com o surgimento do códice (do latim, livro), teve-se a superfície da página bem delimitada facilitando releituras e a rápida localização de trechos, e assim foi se desenvolvendo o atual livro. Hoje, nossos livros e a escrita passam a ser produzidos a partir de um computador ou de algum dispositivo digital similar e, com essa nova cultura baseada no mundo digital, temos novamente uma mudança no espaço no qual escrevemos,

ou seja, pode-se dizer que é uma nova forma de letramento, sendo assim podemos falar que hoje temos diferentes letramentos, pois eles surgem a partir de diferentes tecnologias de escrita (SOARES, 2002).

As formas de escrita assim como as de leitura, implicam, em novas formas de interação entre leitor e autor; no contexto digital, surge o hipertexto, que quebra a sequência do papel, possibilitando assim que o leitor direcione sua leitura, podendo também adicionar links e participar da escrita, fazendo seu próprio texto “dentro” de um preexistente e também possibilita que o autor atinja diferentes públicos. Hoje presenciamos a inserção dos textos digitais com uma velocidade muito superior do que as outras mudanças já ocorridas na escrita, e assim como na Biologia costumamos dizer que as mudanças no ambiente causadas pelo homem ganharam proporções tão grandes – devido à alta velocidade – que as espécies estão tendo problemas para se adaptarem a essas mudanças com pouco tempo, o que pode levar a consequências desagradáveis. Nas redes hipertextuais, em que o texto é lido de forma multilinear, o leitor que não domina, ou que se desvia facilmente do ponto focal de sua pesquisa ou leitura, corre o risco de trocar de argumento sem que perceba, pois nesses textos, ao contrário de um impresso, no qual o leitor é “guiado” pelo escritor, fazemos a leitura e a procura ao nosso modo e assim devemos interpretar todo esse conjunto como um texto (SOARES, 2002; BRAGA, 2005). Soares (2002), hipotetiza que essa mudança para o mundo digital pode ter influências em alterações sociais, cognitivas e discursivas.

O meio digital possibilita a troca de informação, seja ela por sala de bate papo, e-mails, fóruns, blogs ou redes sociais e faz com que a informação digital esteja concentrada em um único aparelho, integrando as diferentes formas de comunicação que já foram muito utilizadas (BRAGA, 2005). Como tratado anteriormente, a utilização de diferentes meios pode mudar as formas de letramento; com maior facilidade de acesso à internet, e com a multifuncionalidade dos aparelhos, os adolescentes não limitam o uso somente a leituras e à busca de informação sobre diversos assuntos, como a sexualidade, que é um tema muito relevante para os jovens. Com toda essa funcionalidade, surge também a utilização para acesso a conteúdos pornográficos *online*, o que pode ser um problema pois os consumidores passam a crer em valores sexuais irrealistas, homofóbicos ou de objetificação, dominação e desrespeito com o outro, principalmente mulheres, crianças e homossexuais. A revisão feita por Owens e colaboradores (2012), aponta que o consumo frequente de pornografia está correlacionado com a iniciação sexual precoce e com as atitudes sexuais permissivas, e quando o conteúdo dessa pornografia é violento poderia contribuir para o aumento de comportamento sexual agressivo dos usuários de internet.

A diminuição da autoestima dos adolescentes de diferentes gêneros está também associada

com o consumo de pornografia na internet, pois as meninas podem se sentir inferiores às mulheres representadas nesses materiais, por terem atributos físicos menos valorizados socialmente ou por não terem a mesma desenvoltura e desinibição sexual. Os meninos, por sua vez, podem se sentir intimidados, com medo de não serem viris ou “machos” como os “Homens” que eles veem, por seus desempenhos sexuais e também pelas características de seus corpos. Assim o consumo de pornografia na internet poderia levar ao medo de se expor a situações de encontros sociais face a face, conduzindo a um menor desenvolvimento no que se refere às interações presenciais. Isso poderia romper laços fundamentais que foram desenvolvidos ao longo da nossa história e que nos constituem como seres sociais. Além disso, sugere-se que principalmente em jovens que buscam pornografia na internet de forma compulsiva, se observaria um aumento no desvio de conduta, sintomas de depressão e uma dessensibilização em relação aos outros, reduzindo a empatia. O maior problema na utilização desenfreada da internet com o intuito de satisfação sexual virtual é que os conteúdos das mais diversas fontes e categorias estão disponíveis para as pessoas mais vulneráveis da nossa sociedade, que estão em processo de formação, como as crianças e os adolescentes e que com alguns “simples cliques” podem mudar a forma de pensar e agir (OWENS et al., 2012). Claramente, esses fatores não serão observados em todos os indivíduos, pois não podemos tomar todos os comportamentos humanos como regra, cada pessoa possui noções diferentes, experiências de vida e de padrões de comportamento (GEERTZ, 2014).

O hábito de ver pornografia online é bastante comum entre os jovens, mas isso pode se tornar um vício; como observado em pessoas toxicodependentes, os comportamentos de desejar, querer e gostar podem estar relacionados com a motivação e o incentivo para o comportamento sexual compulsivo (CSB). Segundo Voon e colaboradores (2014), as regiões no cérebro ativadas durante a visualização de materiais sexualmente explícitos entre os grupos com e sem CSB, são semelhantes às que são ativadas com a presença da nicotina, da cocaína e do álcool. Essas ativações se mostraram mais fortes em pacientes com CSB do que os saudáveis, o que sugere similaridades neurobiológicas entre os diferentes distúrbios que levam à dependência química.

Diante do exposto anteriormente, as informações, assim como a pornografia, estão disponíveis na internet e os alunos possuem curiosidades e dúvidas, portanto cabe aos educadores partirem dos interesses dos alunos e coordenar a aprendizagem, estimulando com pesquisas e oferecendo fontes seguras de conhecimento. Os professores devem provocar a diferenciação entre informação e conhecimento, para que os usuários adolescentes possam utilizar a internet para as pesquisas necessárias para a escola, economizando tempo e obtendo informações confiáveis (BERNARDES; FERNANDES, 2002). Além disso, um dos desafios da contemporaneidade é a

seleção de informações relevantes em um contexto de grande volume de circulação de informação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este projeto teve um curto período de tempo para realização, apenas um semestre, por isso o estudo foi realizado com cinco estudantes do ensino médio noturno de um colégio da rede pública de Porto Alegre, na forma de um estudo exploratório, empregando uma amostra de conveniência. Os cinco estudantes possuem um vínculo com um projeto de iniciação científica do Programa de Iniciação em Ciências, Matemática, Engenharias, Tecnologias Criativas e Letras (PICMEL), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS), coordenado pela orientadora do presente estudo. Esses estudantes foram selecionados devido ao fato de estarem participando do projeto de iniciação científica júnior (ICJ), proporcionando uma rica troca de informações facilitada graças ao fato de a orientadora do presente trabalho já conhecer os alunos e os professores do colégio, bem como contar com a prévia autorização do colégio para a realização de pesquisas. Todos os participantes e seus responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). Devemos ressaltar que para os alunos de iniciação científica júnior o contato com um pesquisador mais experiente é desejável e também produz aprendizados, além de ser importante o olhar de alguém que não está diretamente envolvido no desenvolvimento de suas atividades e que possa fazer perguntas levando-os a refletir sobre as suas ações e sobre as informações que eles coletam em suas investigações.

Esses estudantes fazem parte de um grupo natural ou real, que é caracterizado por seus integrantes já possuírem algum vínculo, no caso, estudarem na mesma escola e participarem do PICMEL (FLICK, 2009). Os integrantes desse grupo têm idades entre 17 e 18 anos, e é representado por seis bolsistas, mas infelizmente somente cinco puderam participar desse estudo, pois um integrante se acidentou. Os bolsistas do PICMEL fizeram uma coleta de dados com a população de estudantes do ensino médio noturno do colégio por meio de um questionário (anexo A) aplicado a 99 colegas do noturno. Nesse questionário, as perguntas variaram entre informações de dados pessoais, utilização da internet, questões relacionadas à escola e também à educação. A partir destes dados, eles escolheram temas que serão abordados na produção de um vídeo educativo que futuramente será publicado e assim disponibilizado para o público. Além do questionário, os bolsistas também realizaram entrevistas com parte dos alunos do colégio, formando quatro grupos, dois do primeiro ano, representados por seis e oito estudantes; um do segundo ano com oito

estudantes e seis estudantes do terceiro ano. Esse projeto ainda está em andamento, portanto, todos os dados levantados pelos estudantes são preliminares, mas serão analisados no presente estudo qualitativo.

Para a realização da presente pesquisa, utilizou-se o método de entrevista do tipo grupo focal, que é feita com um pequeno grupo de pessoas, sobre um tópico específico. Na entrevista focalizada, se utiliza algum estímulo, e com o auxílio de um guia de entrevista que deve ter especificidade, não direcionamento, amplo espectro e permitir que o contexto pessoal seja revelado pelo entrevistado. Para o bom andamento, o entrevistador deve ser objetivo, assumindo o papel de mediador no grupo, impedindo a formação de um ou mais “líderes” no grupo, mas ao mesmo tempo ele deve ser flexível e persuasivo, estimulando a participação de todos para poder ter uma maior gama de reflexões sobre determinado assunto. Não esquecendo que a vida em sociedade nos leva a interações, portanto inevitavelmente surgem discussões, e por mais que pareça uma conversa, não se pode perder o foco, pois esse tipo de entrevista de grupo focal continua sendo uma entrevista e, dela podemos usufruir de algumas qualidades como economia de tempo e eficiência na coleta de dados, sendo que falsas opiniões ou então opiniões extremas podem ser evitadas quando em grupo. Todos estão unidos às variáveis tempo e espaço, representando assim uma realidade cotidiana na qual vemos diferentes pontos de vista podendo refletir sobre eles e concordar ou não, e, a partir dessa vivência nos tornamos pessoas singulares, que constituem uma sociedade (FLICK, 2009).

Porém um novo indivíduo é agregado ao grupo, sendo esse o entrevistador, que ao primeiro contato tem uma conversa informal para que se possam conhecer e também saber um pouco sobre essa pesquisa, assim o entrevistador é introduzido no grupo, para que sejam criados laço de confiança, com o objetivo de se familiarizar, para que os entrevistados não se contenham por vergonha ou desconforto de falar com estranhos durante as discussões de grupo. O entrevistador deve ser também um moderador, que deve ser um bom ouvinte, interferindo o mínimo possível às iniciativas dos participantes e criando um ambiente aberto às trocas de ideias. Nessa pesquisa utilizei o direcionamento das dinâmicas, empregando imagens e questões para conduzir as discussões do grupo, além disso, provocava a participação de todos os participantes, principalmente no tema da sexualidade, para motivar a participação de uma das meninas que ficou mais silenciosa (FLICK, 2009).

Durante os encontros foi possível o levantamento de questões pessoais, mas na maioria das vezes as questões feitas aos estudantes sempre eram direcionadas a um público mais amplo, os estudantes do colégio, com o intuito de atingir indiretamente as percepções e as próprias vivências dos participantes no grupo focal. Essa foi uma estratégia para evitar que houvesse o constrangimento dos bolsistas em revelar as próprias vivências, uma vez que eles falavam o que

pensavam sobre as experiências de seus colegas, já que haviam coletado dados sobre eles.

O primeiro encontro foi apenas para que o entrevistador e os entrevistados se conhecessem, conversando sobre diversos temas, mas aproveitando já para fazer uma sondagem sobre o andamento do projeto PICMEL e temas específicos que haviam levantado com os colegas, como a sexualidade. Nesse dia estavam presentes quatro integrantes.

O segundo encontro foi composto por fortes interações entre os quatro entrevistados, nas quais foram abordados assuntos como a infância deles e dos colegas, utilizando-se de imagens de diversos brinquedos (anexo B) como ponto de partida para as discussões e sondagem acerca de como eles caracterizariam a infância dos colegas; complementarmente foram utilizadas 20 imagens de crianças com seus brinquedos (anexo C e D) que foram enumeradas. Essas últimas imagens são obras retiradas do sítio do fotógrafo Gabriele Galimberti do projeto Toy Stories. Nessas fotos existe uma contextualização para a condição socioeconômica das crianças fotografadas com os seus brinquedos, podendo assim evocar lembranças em relação a própria infância dos entrevistados. As questões relativas à infância tiveram o intuito de caracterizar o grupo quanto a sua geração, buscando evidências da presença ou não da tecnologia em suas vidas de modo a verificar se eles poderiam ser identificados como nativos digitais da geração Z.

Após descobrir um pouco sobre a infância desses quatro estudantes e sobre como eles descrevem a infância de seus colegas quanto ao uso de tecnologias, considerando a pesquisa realizada por eles em que o tema da sexualidade foi selecionado como o assunto de maior interesse pelos estudantes do noturno do colégio, foram feitas perguntas a fim de associar essa temática ao uso das tecnologias de comunicação e informação. Partindo da hipótese de que a internet é muito utilizada para acessar pornografia, os estudantes foram questionados quanto às diferentes formas de acesso a conteúdos pornográficos na pré-adolescência de seus colegas e no momento atual, empregando-se imagens de revistas, vídeos e internet (anexo E). Também foram mencionadas as redes sociais e aplicativos, sendo apresentadas imagens que remetessem à internet, *Facebook*, *WhatsApp*, *Tinder* e *Twitter* (anexo F) com o objetivo de saber quais são mais utilizadas com o intuito de busca de conteúdo sexual. E, por último, foi apresentada uma imagem com seis sites pornográficos (anexo G) conhecidos mundialmente (*xvideos*, *xhamster*, *pornhub*, *youporn*, *redtube* e *livejasmin*) para saber quais eles e os colegas têm o hábito de acessar.

No terceiro encontro, foi possível observar e indagar os entrevistados sobre a utilização do e-mail e as habilidades na utilização do computador e na forma como eles digitavam e pesquisavam algo que não lhes era habitual. Nesse encontro estavam presentes apenas três participantes da pesquisa.

5 RESULTADOS

Foram realizados três encontros com estudantes participantes do projeto PICMEL. No primeiro encontro estavam presentes quatro participantes, no segundo encontro, também quatro e no terceiro, três.

O perfil dos estudantes do colégio foi elaborado, pelos bolsistas de iniciação científica, a partir da análise dos dados gerados pela pesquisa desses estudantes. O total de alunos do ensino médio noturno que respondeu os questionários foi de 99 estudantes, com idades entre 15 e 60 anos. Conforme as respostas ao questionário, 66,7% dos estudantes trabalham e dos 99 alunos que responderam, 83,8% consideram que o conhecimento adquirido na escola é utilizado no próprio cotidiano. Os três temas com maior demanda a serem trabalhados no colégio são a sexualidade, a violência e as drogas, representando 44,4%, 34,3% e 10,1% respectivamente. A utilização da internet está no cotidiano de 84,8% dos estudantes, entretanto 12,1% a utiliza às vezes e 4% nunca a utiliza. Entre os que utilizam a internet, em uma pergunta aberta, responderam que o maior acesso é para a participação em redes sociais e aplicativos de bate papo, como *Facebook* (53,5%), *WhatsApp* (22,2%) e *Twitter* (2%); apenas 1% mencionou a utilização de e-mail. Os bolsistas também fizeram reuniões com grupos de colegas, subdivididos por série para delimitar melhor os interesses específicos e dúvidas sobre o tema da sexualidade.

Os encontros com os bolsistas de iniciação científica, realizados no presente estudo, tiveram o objetivo de investigar o uso da tecnologia associado ao tema de maior interesse dos estudantes do noturno, a sexualidade. No primeiro encontro, os estudantes foram questionados sobre os resultados das reuniões feitas com grupos de colegas sobre o tema da sexualidade, respondendo que os demais alunos tinham interesse em discutir gravidez precoce, alguns não sabiam o significado da sigla DST e a questão do aborto despertou discussões polêmicas. Uma das bolsistas destacou que um participante de uma das reuniões mencionou que o melhor método de abordagem de questões relacionadas à sexualidade é a conversa informal entre os estudantes do colégio. Todos os presentes concordaram com essa percepção e, quando questionados sobre os motivos, disseram que em pequenos grupos há uma conexão maior, sem constrangimento para se posicionar, enquanto que em palestras com especialistas como professores ou profissionais da saúde, muitas vezes, dúvidas acabam não sendo esclarecidas por não se sentirem a vontade em expressá-las.

Visando situar os bolsistas a partir das características da geração Z, no segundo encontro, eles foram questionados sobre a presença da tecnologia na infância dos colegas do colégio. Os alunos do projeto PICMEL relataram haver presença de videogame mas que esse era facilmente trocado por outras brincadeiras ao ar livre como jogar futebol, e que ele era mais utilizado quando

dos estudantes do colégio, sendo que a foto na qual um menino aparecia apenas com um videogame e seus jogos (número 20) foi escolhida como a segunda mais representativa por todos; a primeira mais associada para uma menina e um menino foi a de uma criança com tacos de baseball e uma bola (número 7); já os outros participantes acreditam ser a foto na qual uma criança aparece com uma bicicleta, duas bonecas e um ursinho de pelúcia (número 19).

Quando a entrevista direcionou-se à sexualidade, foi abordado o tema não utilização de preservativo nas relações sexuais. Os estudantes referem conhecer as possíveis consequências como a gravidez indesejada e precoce, fato que teve maior repercussão do que as doenças sexualmente transmissíveis (DSTs); dentre fatores envolvidos na não proteção própria, conforme entrevistados, está a ausência de responsabilidade por seus atos e que as relações sexuais são preferencialmente mantidas com conhecidos, exceto quando estão em bailes, ocasião na qual preferem sexo casual e sem uso de preservativos.

Relacionando a internet com o tema sexualidade, ao indagar os bolsistas sobre com qual finalidade os colegas utilizam a internet, as respostas foram diretas e sem reflexões, afirmando que a internet é utilizada apenas para acessar *Facebook*, *WhatsApp* e *Twitter*, e nesses meios de comunicação e troca de informações, o conteúdo que prevalece é a pornografia, utilizando-se de grupos nos quais são postados vídeos e fotos retirados de diversas fontes na internet; conforme os meninos, no *Twitter* “bomba”.

A internet é também utilizada para encontrar parceiros, no entanto os estudantes têm receio quanto a utilizá-la com essa finalidade pois, segundo eles, esse não é um meio confiável, porque não se sabe se a pessoa com a qual se comunicam é realmente quem diz ser e também, podendo ser até mesmo perigoso. Não obstante os riscos, eles afirmam que os encontros entre desconhecidos acontecem frequentemente, e que as pessoas costumam utilizar aplicativos como *Tinder* e *Badoo* para encontrar parceiros casuais. Entre esses aplicativos uma participante desconhecia ambos, a outra conhecia apenas o segundo, enquanto os demais participantes sabiam da existência dos dois.

A internet pode ser muito útil quando tratamos de sexualidade, utilizando-a para informações que vão muito além de pornografia e possíveis parceiros para sexo casual, podem ser consultados temas como as diferenças de gênero, a prevenção de doenças e métodos anticoncepcionais, bem como informações sobre direitos que a população possui em relação ao aborto ou então crimes como o abuso sexual, além de posicionamentos veiculados por movimentos sociais como grupos feministas e homossexuais. Os entrevistados acreditam que apenas 1% das pessoas a utilizam com esse intuito, e que pode ser utilizada dessa forma quando o(a) professor(a) pede para que o façam, do contrário é utilizada somente para o acesso a redes sociais, e quando com intuito sexual não é para obter informações, mas sim para entretenimento (pornografia).

A internet passa a ser desconsiderada até mesmo quando se trata de questões de saúde própria, como o aparecimento de verrugas, corrimentos e outros sintomas nos órgãos genitais. O tabu existente nesse assunto é de tamanha grandeza que normalmente esperam que o problema de saúde se resolva por conta e assim desapareça, pois a doença costuma ser mantida em segredo por vergonha. Normalmente o médico não é procurado, e também não buscam auxílio de um farmacêutico. Relatam que se o aspecto do corpo se torna degradante ou então a dor é muito forte costumam pedir ajuda a um amigo íntimo ou então procurar um posto de saúde. Entre os meninos, a busca por ajuda é muito difícil de acontecer, ocorrendo somente em casos extremos, já as meninas mostram-se mais preocupadas com a saúde, frequentando mais os postos de saúde.

Quando a entrevista se volta para a pornografia na pré-adolescência e adolescência e a forma de acesso a esse material, a partir de estímulos com imagens de revistas, de vídeos e de sites/internet (anexo D), o grupo expressou que na pré-adolescência deles havia o predomínio da utilização de filmes e principalmente revistas, pois a internet era menos acessível à população, sendo assim destinada a pessoas com maior poder aquisitivo. No entanto esse perfil mudou muito em poucos anos, sendo que os entrevistados acreditam que os jovens de hoje têm acesso e usam a internet para ver pornografia a um ponto em que dificilmente sejam utilizados outros meios. Os meninos mostraram grande entusiasmo com o tema, reafirmando a masculinidade de modo a explicitar o uso, já as meninas acreditam que outras meninas também costumam olhar pornografia mesmo que com uma frequência menor em relação aos meninos.

A partir da visualização da pornografia pela internet foram utilizadas imagens de redes sociais, aplicativos e outras formas de acesso com a própria internet; os entrevistados acreditam que os estudantes usem mais o *Facebook* e o *WhatsApp*, graças aos grupos que compartilham pornografia. Quando apresentados seis sites conhecidos internacionalmente (*xvideos*, *xhamster*, *pornhub*, *youporn*, *redtube* e *livejasmin*), os entrevistados acreditam que os colegas conheçam apenas dois - *xvideos* e *redtube*).

Ao acessar os sites pornográficos citados no parágrafo acima, pode-se identificar a ausência de um aviso quanto à veiculação de conteúdo adulto. Não existe a informação de que se trata de um sítio para maiores de 18 anos e que deve ser acessado somente por maiores de idade. Embora essa informação isolada provavelmente fosse uma medida insuficiente para evitar o acesso por crianças, ela não existe. Em alguns desses sites, na página inicial, também é possível encontrar conteúdos ou então *links* que remetem a situações de humilhação de mulheres e de dominação masculina, reforçando o machismo, atos de violência e de desvalorização da mulher. Esse fácil acesso aos jovens que estão em processo de formação de personalidade e que estão iniciando a sexualidade em sua vidas, muitos até já praticam o ato sexual, mas podem ser influenciados de maneira que

possamos observar mudanças na sociedade, em um possível aumento no machismo e na violência contra a mulher, problemas graves na nossa sociedade, e que podem se agravar nas novas gerações, com a circulação indiscriminada desse tipo de conteúdo na internet. Podemos, como professores, educar sexualmente nossos alunos e auxiliar na busca de informações úteis como o uso da internet para buscar páginas debatem as violações de Direitos Humanos, como o Humaniza Rede, que está presente no *Facebook* e também disponível no sítio que é de propriedade do Governo Federal. Nessa página também é possível denunciar violações de Direitos Humanos. Além disso, podemos divulgar materiais como cartilhas divulgadas pelos Ministérios da Educação e da Saúde, que normalmente não chegam ao conhecimento da população.

No último encontro com os bolsistas de iniciação científica, foi possível observar que os entrevistados eram habilidosos na digitação e que possuíam e-mail, mas tinham dificuldades ou não se recordavam do *login*, situação que indicava o pouco uso dessa ferramenta. Em relação à pesquisa de conteúdos aos quais não estão habituados a pesquisar na internet, foi possível observar que quando necessitavam do Código de Endereçamento Postal (CEP) de suas casas eles não recordavam-no, e mesmo estando utilizando um computador, não sabiam realizar a pesquisa do número e as palavras chave a serem utilizadas. Auxiliando os bolsistas na organização dos dados tabulados foi possível observar o desconhecimento da utilização da porcentagem, que foi empregada diversas vezes erroneamente em texto e, mesmo após a explicação, possuíam dificuldades em converter quantidades em porcentagem através de regra de três. Esses alunos, do segundo ano do Ensino Médio, demonstram diversas lacunas em seus conhecimentos básicos, sugerindo um processo de escolarização precário. Além disso, dentre diversos fatores observados nas entrevistas e relatos, os bolsistas e os seus colegas parecem ter características que permitiriam incluí-los tanto na geração z, quando na y, permanecendo em um intermediário, um limítrofe entre essas duas.

6 DISCUSSÃO

O desenvolvimento do presente trabalho possibilitou a identificação das principais demandas geradas por estudantes do ensino médio de um colégio público de Porto Alegre, através da promoção da reflexão sobre as atividades que esses jovens realizam, bem como a reflexão sobre a lembrança de práticas realizadas na infância e realizadas atualmente na busca de informações, entretenimento e utilização do meio digital no dia a dia dos participantes.

Com pequenas exceções, as perguntas feitas durante essa pesquisa eram endereçadas

indiretamente aos entrevistados, questionando-os sobre os colegas, pois como esses participantes são bolsistas do projeto PICMEL, no qual estão trabalhando com entrevistas e questionários com o tema sexualidade, estavam envolvidos com a análise das respostas dos colegas. Assim, para deixá-los mais a vontade para falar sobre um tema tabu, a pergunta era sobre a opinião deles em relação à realidade e às práticas dos colegas. Desse modo provavelmente os relatos dos colegas assim como suas próprias vivências foram consideradas nas interações com o pesquisador.

Como assinalado pelos entrevistados, os jovens são atraídos e ficam mais a vontade com outros jovens. Eles possuem uma cultura própria, podendo aprender uns com os outros, como protagonistas do ensino, tendo o professor apenas como orientador desse processo (FERRETTI; ZIBAS; TARTUCE, 2004), uma vez que o docente normalmente é de outra geração, podendo causar conflitos intelectuais ou constrangimentos, devido a diferentes formas de comportamento e compreensão. Portanto, os bolsistas do PICMEL ao coordenar discussões sobre o tema da sexualidade com os seus colegas constituíram um grupo focal, numa conformação intermediária entre a relação face a face com alguns poucos amigos íntimos e o anonimato das palestras e das aulas expositivas. Ao falarem com colegas, embora seja de jovem para jovem, muitos não possuem intimidade ou não são amigos o suficiente para compartilhar todas as dúvidas e experiências. Ainda assim, as polêmicas, as dicas e as informações lançadas poderão ser retomadas em outros grupos mais íntimos, possibilitando que sejam discutidos entre pessoas com maior afinidade, compartilhando práticas e valores entre si, pois quando uma pessoa com a qual nos identificamos faz, ou então diz que faz algo, essa experiência permite agregar uma nova possibilidade, que pode se concretizar. A estratégia de transmissão horizontal de conhecimento também é observada na transmissão das brincadeiras entre gerações (PONTES; MAGALHÃES, 2003) em que aprendemos jogos e suas regras uns com os outros.

Em relação à sexualidade, o fato de maior preocupação dos bolsistas e de seus colegas é a gravidez precoce, pois os jovens não querem e não se sentem preparados para tal responsabilidade que ocasionará mudanças nos hábitos e nos planos para o futuro, além de serem pessoas que vivem em uma situação socioeconômica precária, sem condições financeiras para educar uma criança.

Embora com relação à educação escolar e ao mercado de trabalho, não se observem mudanças na trajetória escolar nas classes populares devido ao fato de já não possuírem uma trajetória linear, por precisarem se afastar da escola muito jovens para trabalhar, ou por enfrentarem problemas de sobrevivência, uma gravidez precoce agrega novas dificuldades. Mas essas dificuldades são diferentes da alteração da trajetória escolar que costuma ser observada quando a gravidez precoce acontece com adolescentes mulheres da classe média e os seus planos pessoais e profissionais sofrem mudanças, o que não é observado para os homens (HEILBORN et al., 2002).

A preocupação com as DSTs parece estar em segundo plano como apontado pelos entrevistados, que afirmam que os colegas têm conhecimento da existência de doenças e que, quando contraídas, a solução encontrada, muitas vezes por vergonha, é esperar que os sintomas melhorem. Por ignorância, parece que os estudantes desconhecem o fato de o desaparecimento dos sintomas não significar a cura da doença, que permanece silenciosa, e por isso, o seu portador contribui para aumentar o número de pessoas que contraem essas doenças por contato direto, pois não se dá conta que pode estar transmitindo a doença para os seus parceiros sexuais por não utilizar preservativo. Esse problema é agravado pelo fato de a maior preocupação ser evitar a gravidez, portanto, utilizando-se de métodos contraceptivos como a pílula anticoncepcional esse problema parece estar resolvido para relações sexuais casuais. Segundo os entrevistados as relações casuais são mais propícias ao não uso de preservativos e eles também consideram que podem ser facilitadas pela utilização de aplicativos e da internet de forma geral para localizar parceiros em potencial. Outro fator que pode influenciar na proteção própria no início da vida sexual é a diferença social, sendo que as classes mais favorecidas tendem a postergar o início de sua vida sexual e a se protegerem mais porque têm acesso à informação e por sentirem que possuem valor na sociedade e têm perspectivas para o futuro, fatores sustentados pela autoestima, que os leva a dar valor para outras coisas, não considerando apenas a vida sexual como modo de satisfação pessoal (VILLELA; DORETO, 2006).

Os estudantes do noturno do colégio requisitaram o tema da sexualidade para ser trabalhado pelos bolsistas do PICMEL, enquanto as drogas aparentemente ficaram em segundo plano, parecendo não ser um tema tão importante, ou ao menos com menor importância que a sexualidade. Tentando compreender o pouco interesse pelo tema das drogas, pode-se imaginar que o seu consumo esteja ligado ao prazer momentâneo e ao fato de o adolescente, em geral, não pensar muito ou antecipar o sofrimento e as possíveis consequências negativas desse consumo. Apenas o prazer imediato é considerado e, desta forma, a falta de preocupação faz com que os riscos de se tornarem dependentes químicos aumente (SCHENKER; MINAYO, 2005). A adolescência é um período conturbado para os jovens, pois, nessa fase o corpo está sofrendo diversas mudanças hormonais e estruturais e simultaneamente a essas alterações está em processo de constituição a identidade e o maior interesse pela sexualidade. Nesse contexto, os adolescentes querem experimentar o novo, correr novos riscos e descobrir limites; essa é a fase do risco, associado, em parte, ao desenvolvimento ainda prematuro do córtex pré-frontal do cérebro, região que está associada a comportamentos sociais (BUTMAN; ALLEGRI, 2001), aliado a mudanças de sensibilidade de receptores, que atuam na via de recompensa. Juntas, as mudanças fisiológicas conferem características aos adolescentes, que fazem com que se exponham mais a situações de risco, sem se

basear suficientemente em noções das possíveis consequências negativas de seus atos.

Com relação ao tema do uso das tecnologias de informação e comunicação, tendo em vista o fato de os bolsistas fazerem parte de uma população de baixa renda, imaginamos que poderiam sentir vergonha de não ter acesso à equipamentos eletrônicos ou à internet e, também por essa razão, as perguntas eram feitas indiretamente, pedindo que os bolsistas se manifestassem com base nos questionários que haviam elaborado e analisado acerca dos usos de internet pelos alunos do noturno do Colégio.

Conforme dados levantados pelos bolsistas PICMEL, a partir das respostas ao questionário a internet estaria presente no cotidiano da maioria dos estudantes do ensino médio noturno, representada por quase 85% dessa população. Comparando a utilização da internet há alguns anos com o presente, podemos observar que ela se “popularizou”, já que a maioria dos estudantes acessam-na diariamente. Essa transição possibilitou que conteúdos antes disponíveis apenas em revistas, dificultando o acesso a jovens, pudessem ser acessados facilmente através de um computador, o que aumenta a exposição a estes conteúdos, principalmente quando pensamos no barateamento e no aumento da disponibilidade da internet. No presente estudo, esta situação foi observada para o tema da sexualidade. Conforme relatos, na ausência de internet, mesmo tendo celulares (sem muitas funções) e videogames, esses jovens preferiam brincadeiras ao ar livre; portanto eles nasceram na época em que estava surgindo a geração Z em algumas classes sociais, mas a classe social a qual pertencem não permitiu o acesso total ao que a tecnologia poderia ter oferecido naquela época, limitando a utilização da internet e o acesso às informações, fazendo com que possuíssem características de duas gerações diferentes, a atual Z e a precedente Y, já que não podemos nos referir a uma geração enquadrando-a em um tempo específico, pois os fatores como características pessoais e condições socioeconômicas influenciam a classificação em gerações.

Como observado no presente estudo, os estudantes estão utilizando a internet, mas esse uso vem associado principalmente ao acesso a redes sociais e aplicativos de bate papo, que somados, conforme apontam os dados da população do colégio, ultrapassam 75%. Dentre as diversas redes sociais, o Facebook pode ser observado como um fenômeno social de massa, podendo atrair muitos usuários, como exemplo, cerca de 80% da população de graduandos de diversas universidades, utiliza essa rede social (ACQUISTI; GROSS, 2006). Com o crescente aumento das conversas digitais, pode-se perder o contato face a face, dificultando interações sociais, o que pode também levar a transtornos como o vício pela internet (BEARD; WOLF, 2001), no entanto, não precisamos fazer disso uma “guerra” contra os aplicativos de bate-papo, pois esses continuarão sendo utilizados; podemos aproveitar a tecnologia como um recurso a mais para as aulas, nos beneficiando dos pontos positivos como a apreensão, a interpretação, a compreensão e a reflexão, que podem ser

proporcionados por situações de bate-papo e também, escapar da imagem estática dos livros, utilizando-se de aplicativos ou *softwares* de simulação que auxiliem na compreensão atribuindo movimento e som a processos e fenômenos a serem explicados (PEREIRA, 2004). Neste contexto, é possível ultrapassar a barreira cultural que impõe aulas tradicionais, uma vez que para que uma aula tenha sucesso não basta que o professor domine o conteúdo que deve ensinar, as técnicas e procedimentos tecnológicos visando adequar-se a competências e práticas exigidas por novas metodologias de ensino, os professores devem ir além (TOLEDO; MAGALHÃES; ALBUQUERQUE, 2012).

O acesso ao e-mail foi pouco mencionado conforme dados coletados pelos bolsistas PICMEL, o que também foi observado no último encontro com os entrevistados, no qual eles tinham dificuldade de recordar o login de suas contas de e-mail. Esse desuso do e-mail se dá provavelmente devido ao fato de que para se comunicarem utilizam redes sociais e aplicativos de bate-papo instantâneo. Desta forma, a comunicação através de e-mail é vista como um meio digitalmente formal de comunicação, sendo utilizado principalmente no meio acadêmico e profissional, estando esquecido no contexto de um colégio de Ensino Médio.

A internet é utilizada na maior parte do tempo para entretenimento. Segundo os bolsistas de iniciação científica, as redes sociais são muito utilizadas para troca de informações visuais como fotografias e vídeo pornográficos a partir de grupos criados para esse fim. Nesses grupos não existe controle, como existe para alguns sites nos quais os conteúdos postados devem receber a aprovação do fundador, evitando que conteúdos violentos sejam mostrados, quando bem administrados. Conteúdos que afrontam os direitos humanos, disponibilizados para os jovens, podem influenciar a forma de agir e pensar em relação a outras pessoas (OWENS et al., 2012), podendo acarretar em problemas sociais futuros, como o machismo e o desrespeito pelas companheiras. Além disso, outro impacto gerado pelo consumo desenfreado de pornografia na internet é a diminuição da autoestima dos adolescentes, pois as meninas sentem-se inferiores às mulheres que produzem esses materiais e os meninos se sentem intimidados, com medo de não serem viris ou “machos” como os “Homens” que eles veem. Esses sentimentos de inferioridade podem levar a uma diminuição no desenvolvimento social pela menor exposição a situações de interação social face a face, rompendo laços fundamentais que foram desenvolvidos ao longo da nossa história, os quais nos constituem como seres sociais. Outro problema acarretado pela utilização excessiva da internet com o intuito sexual é que os conteúdos das mais diversas fontes e categorias estão disponíveis para as pessoas mais vulneráveis da nossa sociedade, que estão em processo de formação, como as crianças e os adolescentes e que com alguns “simples cliques” podem mudar a forma de pensar e agir (OWENS et al., 2012).

Sabemos que o hábito de ver pornografia online é bastante comum entre os jovens, mas isso pode se tornar um vício. Segundo Voon e colaboradores (2014), as regiões no cérebro ativadas durante a visualização de materiais sexualmente explícitos entre os grupos com e sem Comportamento Sexual Compulsivo (CSB), são semelhantes às que são ativadas com a presença da nicotina, da cocaína e do álcool. Essas ativações se mostraram mais fortes em pacientes com CSB do que os saudáveis, o que sugere similaridades neurobiológicas entre os distúrbios.

Conforme os resultados das entrevistas feitas pelos bolsistas PICMEL, a internet é muito usada, porém é pouco explorada para pesquisas, com exceções quando seu uso é demandado por um professor. No mundo digital, os jovens olham imagens, vídeos, fotografias e textos e precisam aprender a ler o conteúdo dessas imagens e textos criticamente, interpretando esse excesso de informação, pois segundo evidências, esse conteúdo pode influenciar em alterações sociais, cognitivas e discursivas (SOARES, 2002). Portanto, quando o professor solicita a realização de pesquisas, ele coloca os alunos em contato com hipertextos e precisa capacitá-los para selecionar fontes confiáveis e a selecionar as informações relevantes. Nesse aspecto o papel da escola e do professor no auxílio e estímulo à pesquisa são fundamentais para que os alunos incorporem essa outra função que nos disponibiliza informação em tempo real, com poucos cliques e algumas palavras chaves, as quais o professor como mediador estará ajudando a selecionar, além de indicar fontes seguras de conhecimento (BERNARDES; FERNANDES, 2002).

Devemos, como professores, aproveitar esse meio para a construção de conhecimento, unindo a tecnologia com a educação sexual, mostrando sites e guiando uma pesquisa a conteúdos sérios, com informações seguras, não limitadas a órgãos dos sistemas reprodutores masculino e feminino, mas exibindo conteúdos e aulas nas quais a sexualidade seja exposta da forma que deve ser vista: mostrando a nós, humanos, como seres que se relacionam sexualmente, não somente com o intuito da reprodução. Podemos trabalhar temas como o preconceito, a opção sexual, os direitos e as diferenças culturais em relação aos diferentes sexos, como proposto por oficinas na cartilha “Saúde e prevenção nas escolas” do Ministério da Saúde e do Ministério da Educação (BRASIL, 2011) ou também por sites como www.adolescencia.org.br.

Uma limitação do estudo foi o pequeno número de participantes do grupo focal e de tempo para aprofundar as discussões geradas durante as entrevistas. No entanto, trata-se de um estudo exploratório acerca do uso da internet e suas influências no comportamento de estudantes, tema presente na realidade diária de professores, que devem estar prontos para lidar com as novas gerações de forma a embasar os alunos para que possam utilizar as tecnologias disponíveis de forma segura e eficiente. Desta forma, sugere-se que mais estudos sejam realizados para que se possa entender o impacto das inovações tecnológicas sobre aspectos de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACQUISTI, Alessandro; GROSS, Ralph. Imagined Communities: Awareness, Information Sharing, and Privacy on the Facebook. **Imagined Communities**. v. 4258, p. 36–58, 2006. Disponível em: <http://link.springer.com/chapter/10.1007%2F11957454_3> Acesso em: 25 maio 2015.

AGUIAR, Giseli Adornato de. **Uso de ferramentas de redes sociais em bibliotecas universitárias: um estudo exploratório na UNESP, UNICAMP e USP**. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo. Escola de Comunicações e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Disponível em: <www.teses.usp.br/...03122012.../Giseli_Aguiar_Dissertacao_final.pdf> Acesso em: 23 jan. 2015.

BAPTISTA, Dulce Maria. Internet e livro: uma falsa dicotomia. **Revista Ibero-Americana de Ciência e Informação**, Brasília, v. 4, n. 2, p. 40-52, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13021/1/ARTIGO_InternetLivroFalsa.pdf> Acesso em: 13 maio 2015.

BERNARDES, Alessandra Sexto; FERNANDES, Olívia Paiva. A Pesquisa Escolar Em Tempos De Internet. **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 5, 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/99/0>> Acesso em: 02 maio 2015.

BEARD, Keith W.; WOLF, Eve M. Modification in the Proposed Diagnostic Criteria for Internet Addiction. **Cyberpsychology & Behavior**. v. 04, n. 03, p. 377-383, 2001. Disponível em: <<http://online.liebertpub.com/doi/pdfplus/10.1089/109493101300210286>> Acesso em: 25 maio 2015,

BOLDRINI, Bruna Cristina; LUCENA, Wellington Machado. Os desafios enfrentados pelas organizações atuais pela inserção da “Geração Z” no mercado de trabalho. **DESTARTE**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 45-63, 2014. Disponível em: <<http://revistas.es.estacio.br/index.php/destarte/article/view/420/350>> Acesso em: 05 fev. 2015

BRAGA, Denise Bértoli. Hipertexto: questões de produção e de leitura. **Estudos Lingüísticos XXXIV**, p. 756-761, 2005. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/hipertexto-questoes-de-producao-1798.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2015.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares : diversidades sexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. 52 p.

BUTMAN, Judith; ALLEGRI, Ricardo F. A Cognição Social e o Córtex Cerebral. **Psicologia:**

Reflexão e Crítica, v. 14, n. 2, p. 275-279, 2001. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814203>> Acesso em: 25 maio 2015.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CUNHA, Mágda Rodrigues da. A reinvenção do ensino de Jornalismo em um contexto de transformações tecnológicas. In: BENEVENUTO, Álvaro Jr.; STEFFEN, César (Orgs.). **Tecnologia, pra quê? os impactos dos dispositivos tecnológicos no campo da comunicação**. Porto Alegre : Armazém Digital, 2012. p.103-115. Disponível em:
<http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/producao_docente/cesar_steffen/livros/tecnologia_pra_que_2012.pdf> Acesso em: 15 mar. 2015.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**. Campinas. 20. ed. São Paulo: SP : Papyrus, 2008 p. 135-136.

DARNTON, Robert. O poder das bibliotecas. São Paulo: **Folha de São Paulo**, 15 de abril de 2001. Disponível em:
<<http://www.race.nuca.ie.ufrj.br/journal/d/d.htm>> Acesso em: 13 mar. 2015.

ECO, Umberto. **Da Internet a Gutenberg**. In: Alves, J. B. da M. Conferência apresentada por Umberto Eco em The Italian Academy for Advanced Studies in America, 1996. Departamento de Informática e de Estatística, Florianópolis, SC. Centro Tecnológico - Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em:
<<http://www.inf.ufsc.br/~jbosco/InternetPort.html>> Acesso em: 08 maio 2015

FERRARI, Danilo Wenseslau. Do Códice ao E-Book. **Patrimônio e Memória**, v. 6, n. 2, p. 285-290, 2010. Disponível em:
<<http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/download/215/570>> Acesso em: 14 abr. 2015.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dogmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. Protagonismo Juvenil na Literatura Especializada e na Reforma do Ensino Médio. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 122, p. 411-423, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742004000200007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 02 jun. 2015.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 405 p.

GALIMBERTI, Gabriele. Projeto Toy Stories. Disponível em:
<<http://www.gabrielegalimberty.com/projects-2/toys-2/>> Acesso em: 30 mar. 2015.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 14 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, p. 60-74, 2014 .

HEILBORN, Luiza Heilborn et al. Aproximações Socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. **Horizontes Antropológicos**, v. 8, n. 17, p. 13-45, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19074.pdf>> Acesso em: 25 maio 2015.

OIKAWA, Erika. Qualidade de Vida na Palma da Mão: tecnologias móveis digitais, vigilância e visibilidade na busca pelo bem-estar. **Vozes e Diálogo**. Itajaí, v. 12, n. 02, p. 33-43, 2013. Disponível em: <<http://www6.univali.br/seer/index.php/vd/article/view/4964>.> Acesso em: 02 fev. 2015.

OLIVEIRA, João Gama; BARABÁSI, Albert-László. Darwin and Einstein correspondence patterns. **Nature**, v. 437|27, p. 1251, 2005. Disponível em: <<http://www.nature.com/nature/journal/v437/n7063/pdf/4371251a.pdf>> Acesso em: 02 fev. 2015.

OWENS, Eric W. et al. The Impact of Internet Pornography on Adolescents: A Review of the Research. **Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment & Prevention**, v. 19: ed. 1-2, p. 99-122, 2012. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10720162.2012.660431>> Acesso em: 12 maio 2015.

PEREIRA, Viviane de O. **Bate-papo na internet: algumas perspectivas educativas**. Fortaleza, 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Disponível em: <http://www.multimeios.ufc.br/arquivos/pc/teses-dissertacoes/dissertacao_vivian.pdf> Acesso em: 28 maio 2015.

PONTES, Fernando A. R.; MAGALHÃES, Celina M. C. A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16803.pdf>> Acesso em: 02 jun. 2015.

SANTAELLA, Lucia. **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SCHENKER, Miriam; MINAYO, Maria C. de S. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 3, p. 707-717, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000300027> Acesso em: 29 maio 2015.

SOARES, Magda. Novas Práticas De Leitura E Escrita: Letramento Na Cibercultura. **Educação & Sociedade**, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2015.

SOUZA, Rui Antônio de. O que esperar de adolescentes e jovens? **Jornal Mundo Jovem**, n. 411, p. 10, 2010. Disponível em:
<<http://www.mundojovem.com.br/artigos/o-que-esperar-de-adolescentes-e-jovens>.> Acesso em: 27 de jan. 2015.

TIETZMANN, Roberto; ROSSINI, Miriam de Souza. De volta para o passado: o audiovisual de acontecimento contemporâneo. In: BENEVENUTO, Álvaro Jr.; STEFFEN, César (Orgs.). **Tecnologia, pra quê? os impactos dos dispositivos tecnológicos no campo da comunicação**. Porto Alegre : Armazém Digital, 2012. p. 69-85. Disponível em:
<http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/producao_docente/cesar_steffen/livros/tecnologia_pra_que_2012.pdf> Acesso em: 15 mar. 2015.

TOLEDO, P. B. F.; ALBUQUERQUE, R. A. F.; MAGALHÃES, A. R. de. O Comportamento da Geração Z e a Influência nas Atitudes dos Professores. In: **Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, IX**. Resende, 2012. Disponível em:
<<http://www.car.aedb.br/seget/artigos12/38516548.pdf>> Acesso em 12 dez. 2014.

VILLELA, Wilza V.; DORETO, Daniella T. Sobre a experiência sexual dos jovens. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 11, p. 2467-2472, 2006. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006001100021> Acesso em: 29 maio 2015.

VOON, Valerie et al. Neural Correlates of Sexual Cue Reactivity in Individuals with and without Compulsive Sexual Behaviours. **PLoS ONE**, v. 9, ed. 7, p. 102419, 2014. Disponível em:
<<http://www.plosone.org/article/fetchObject.action?uri=info:doi/10.1371/journal.pone.0102419&representation=PDF>> Acesso em: 16 de mai. 2015.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Projeto de Pesquisa: Geração Z: além dos novos professores

A utilização da internet está presente no dia a dia de muitos jovens e, com isso surgem dúvidas sobre sua utilização. A presente pesquisa, busca compreender como a nova geração de jovens (geração Z) utiliza os diversos aparelhos tecnológicos e com qual intuito a internet pode estar sendo usada, mas também observar o uso da tecnologia associado ao tema de maior interesse dos jovens, a sexualidade.

Para a realização dessa pesquisa, parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, vinculada à Faculdade de Educação e ao Instituto de Biociências da UFRGS, serão realizadas entrevistas com jovens utilizando imagens que ajudem a pensar sobre a infância e a finalidade da internet.

Estamos te convidando a participar dessa pesquisa. Assim, solicitamos a tua concordância e autorização para que o pesquisador Samuel Pertile e sua orientadora Russel Teresinha Dutra da Rosa, possam realizar atividades de entrevistas, sem gravação da voz. Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes em nenhum material escrito que venha a ser publicado, sendo garantida a confidencialidade das informações, a privacidade e o anonimato dos participantes. Das entrevistas apenas nossas anotações serão mantidas em um banco de dados para pesquisas futuras, sendo de responsabilidade do pesquisador Samuel Pertile e sendo de seu uso restrito.

Se, no decorrer da pesquisa, tu resolver não mais continuar terá toda a liberdade de fazer isso, sem que essa decisão cause qualquer problema. Participando dessa pesquisa tu estarás ajudando com informações importantes sobre a realidade e os interesses dos adolescentes, que serão utilizadas para pesquisas em educação. Essa pesquisa é voluntária, sendo assim, ninguém pagará nem receberá alguma quantia em dinheiro.

Eu, _____, RG: _____
fui informado dos objetivos e dos procedimentos da pesquisa de maneira clara e explicada e aceito participar do estudo. Também autorizo a utilização dos dados levantados nesta pesquisa em outros estudos.

Esclareci minhas dúvidas e sei que em qualquer momento posso solicitar novas informações e modificar minhas decisões se eu quiser. Se eu tiver novas perguntas sobre este estudo, posso conversar com o pesquisador Samuel Pertile através do telefone (54)91446453.

Confirmo que recebi cópia deste documento.

Assinatura do Responsável

Nome e RG do Responsável

Porto Alegre _____ de _____ de 2015

ANEXO A – QUESTIONÁRIO APLICADO PELOS ALUNOS DO PROJETO PICMEL

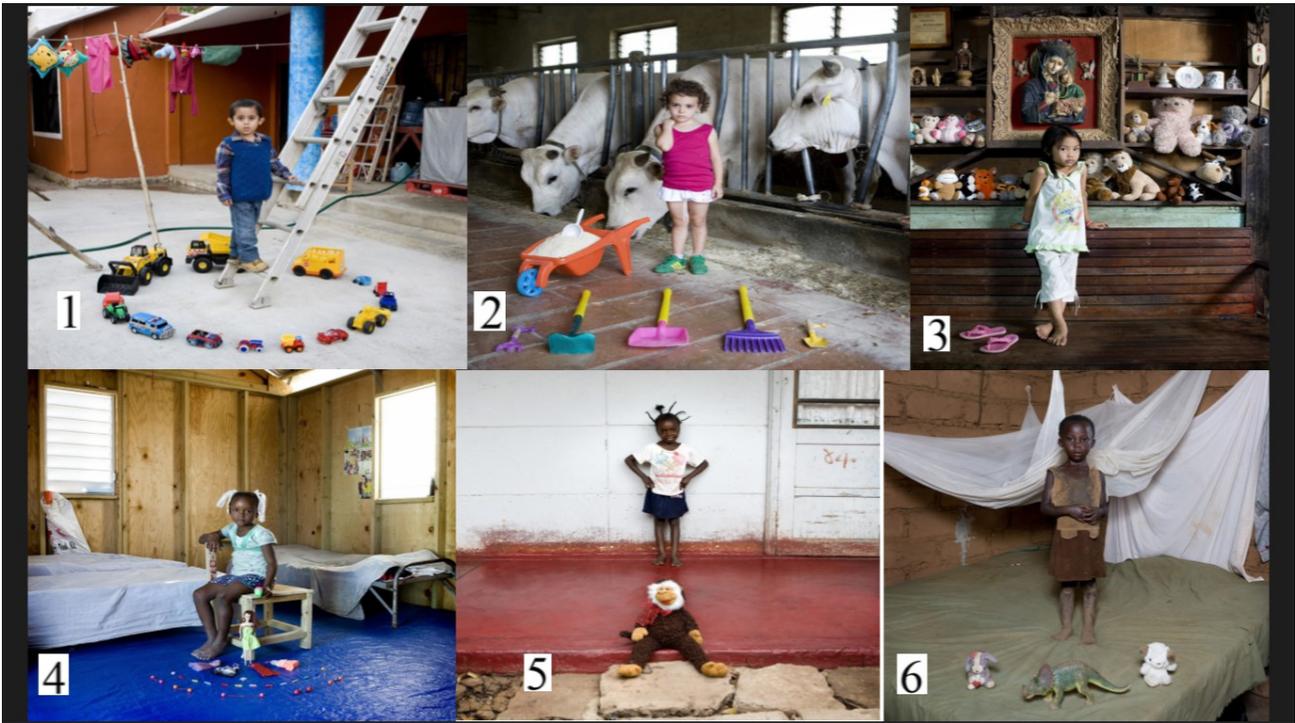
1. Qual sua turma? Qual sua idade?
2. Qual seu sexo? ()M ()F
3. Você trabalha? Se sim, onde?
4. Qual sua carga horária?
5. Qual bairro você reside?
6. Cite os principais pontos positivos e negativos da escola:
7. O que você sugere para que a escola melhore?
8. O que você acha que os professores devem melhorar nos seus métodos de ensino?
9. Você acha que a escola precisa de mais livros didáticos para estudos e pesquisas?
10. O conhecimento que você adquire na escola você utiliza no seu dia a dia?
11. Quais os seus objetivos e metas profissionais?
12. Dos assuntos da atualidade, quais são os que você gostaria que a escola abordasse:
 Sexualidade Bullying Violência Trânsito Drogas
 Consumismo Outros , quais? _____
13. Fale-me um pouco das dúvidas do assunto que você escolheu.
14. O que você acha da Biologia?
15. Qual assunto dentro da Biologia que você tem mais dificuldade?
16. Dê uma sugestão de como pode melhorar as aulas de Biologia.
17. Você usa internet? () sim () não () às vezes
18. Onde geralmente utiliza a internet?
19. Quais sites e redes sociais que você costuma acessar?
20. Você acha que é seguro utilizar as redes sociais, tais como: email, facebook, MySpace, WhatsApp, internet de maneira geral? Por quê?
21. Quantas horas por dia costuma utilizar a internet?
22. O que você achou das perguntas?

Por opção sua, colocar o nome:

ANEXO B – IMAGENS DE BRINQUEDOS



ANEXO C - IMAGENS DE CRIANÇAS COM SEUS BRINQUEDOS



ANEXO D - IMAGENS DE CRIANÇAS COM SEUS BRINQUEDOS



ANEXO E – DIFERENTES FORMAS DE ACESSO À PORNOGRAFIA



ANEXO F – POSSIVEIS MEIOS DE PROCURA DE CONTEÚDO SEXUAL



ANEXO G - SITES PORNOGRÁFICOS

